

Amazônia em movimento

Amazon in movement

*Ari Loureiro**

Quando a chuva cai pesada sobre os telhados de palha,
não é só a enchente que corre, é a vida que transborda,
rios que invadem casas, caminhos que se desfazem,
e corpos que buscam abrigo em outras margens,
carregando memórias na correnteza da esperança.

A floresta respira em silêncio,
mas sua voz ecoa nos ventos que anunciam tempestades.
Cada árvore tombada é um grito abafado,
cada fogo aceso no verde é um deslocar de mundos,
um exílio imposto às raízes da terra.

Os povos da Amazônia, guardiões de águas e encantarias,
sabem que a luta não é só contra a cheia ou a seca.
É contra o esquecimento, contra a injustiça climática,
que expulsa quilombolas, indígenas e ribeirinhos,
como se a floresta fosse estrangeira em sua própria pele.

Migrar, então, é também resistir:
é andar na lama como quem escreve uma nova história,
erguer redes em quintais alheios, mas sem esquecer o próprio chão,
carregar o tambor, a castanha, o açaí e a reza antiga,
para que a travessia não seja silêncio, mas memória viva.

*Docente da Universidade Federal do Pará. Possui graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará (1991) e mestrado em Serviço Social pela Universidade Federal do Pará (2007). Atualmente é professor da Faculdade de Serviço Social, do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal do Pará. Coordenador do Programa de Pesquisa e Extensão Observatório Paraense de Políticas Municipais. Tem experiência na área de Gestão de Políticas Públicas e Desenvolvimento Local na Amazônia.

E-mail: ariloureiro@ufpa.br

Porque os desastres não são apenas naturais,
são também frutos da ganância, da fumaça, da mineração,
da ausência de políticas que protejam corpos e territórios.
E assim, na rota dos deslocamentos forçados,
cada passo denuncia o peso da injustiça global.

Mas a Amazônia não se rende:
ela se reinventa nas vozes das crianças que atravessam alagados,
nas mulheres que transformam dor em reexistência,
nos homens que reconstroem barcos como quem reconstrói mundos.
É da mobilidade que nasce também a resistência.

Das águas que transbordam, florescem vozes;
das florestas feridas, brotam novos cantos.
E de cada povo em movimento, se levanta um mundo inteiro:
um chamado à humanidade,
para que o clima seja justiça e a vida, permanência¹

NOTA

¹ Poema apresentado na abertura do III Curso de Extensão Mudanças Climáticas, Desastres e Mobilidade Humana: Ruma à COP30. <https://www.youtube.com/live/jN6lT76J5ZQ> Amazônia- Belém/PA. 3 de setembro de 2025